

Mais, além da confissão

Bruno Vieira Borges

Excepcionalmente, não. Como eu disse aquela outra vez: os maiores inimigos de você mesmo são os pensamentos soltos, descadarnçados. Estes, sem fio, são a meada, sem salvaguarda. Ainda antes da troca dos dentes de leite, um estranhamento no pé do ouvido, feito mosquito repousando na xícara açucarada, cantarolava dentro do que eu supunha ser o que era. Algo para fora precisava sair, nem que a ânsia e vômito, mas não conseguia, porque era barrado infernalmente pelo cachorro na garganta. O tempo quanto mais se foi, mais eu perdi. E dele ficou apenas a vontade de tê-lo comigo no bolso, no pulso, no junto. E restando a certeza de que o tique-taque nada mais é do que um lamento por entre os ponteiros disputando os círculos da vida em prantos e mais, além da confissão; se for, apenas, se.

Os lenços úmidos da memória poderiam ressecar o choro da vida? Mesmo que de dentro de mim eu não consiga tirar de todo o tudo, nada é mais forte que o soluço promovido pela lembrança. O que eu fui: eis o que é o vestido do casaco da pele humana, o que nos cobre, eu digo, o que é só. Pense que é possível ter de imediato, pulsante na ponta da língua, a igreja em que você fez arder seu primeiro pecado de menino, o de fugir à missa após a catequese, que apenas frequentava por conta dos pãezinhos quentes que serviam no fim da pregação. Sobre o Êxodo de Moisés, ouvi falar. Sobre Caim e Abel, ouvi falar. Sobre o filho de Gideão, ouvi falar. Sobre Noé, ouvi falar. Sobre Maria Madalena, ouvi falar. Sobre Jesus, ouvi falar. Sobre o Espírito Santo, ouvi falar. Sobre Deus, ouvi falar. Sobre o Apocalipse, ouvi falar. Mas os pãezinhos eram tão gostosos...

tão macios, tão pequenos, que pareciam pés de anjo... sobre os quais também ouvi falar. Hoje, não pratico mais a heresia.

Mas a data para você não é sequer um número rubrado no calendário de sua mãe; o quando, eu digo, o quando, quando foi? Não sabes! Nada para além de uma estimativa que tremula no horizonte sombrio do esquecimento, como a bandeirola de um barquinho pequeno cercado por tubarões sob os quarenta graus de chuva torrencial. Nada é por acaso, nem mesmo o acaso. Ninguém, pois, passa pela vida sem esmiuçar e migalhar, nem que sejam cascas de um pobre pão duro à deriva na janela. Este que é banquete de bolores pode passar a ser, sob os cuidados, um verme promissor e ousado, semeado e cultivado nos vazios velados de vasos cheios de oxigênio. Não se trata daquele a quem você se refere, dizendo entender de vermes. É menos fúnebre. Amenamente, é menos grandioso, porque nada é para depois do evento derradeiro, nem as pequenas coisas, que são as grandes coisas. Tudo o que há na vida é segredo, às vezes mentiroso, às vezes verdadeiro. Eis que o segredo do mundo é.

Para não incomodar a vizinhança, que nos pode captar, o mundo está infestado de rapazes traiçoeiros prometendo o céu. Da vida, então, você foi sendo alguma coisa diante do alto desejo de não querer ser alguma coisa? Saberá que, dentro do segredo do mundo, precisa haver um qualquer, para que o hoje não seja o ontem, e o amanhã seja tudo que ele pode ser até deixar de ser. Eventualmente, saberá também que toda trama se resume a chuvas e ao último desejo de um homem infeliz, que

deixou no bolso do paletó uma espécie de testemunho, por acidente ou não, cabe o descobrir.

Naquele fatídico doze de dezembro, o “doce do doce”, todo escarcéu teve espaço e tempo hábil para fazer acontecer, antes mesmo de a previsão do tempo fazer acontecer, um lava-rápido a céu aberto. Até que será manhã. E a canção do futuro no rádio falante. E o tato no volante umedecido pelo suor das mãos impacientes. E as nuvens fechadas de raiva, força e fúria. E um encontro marcado há semanas, que não deixou de ser pensamento no decorrer das semanas. Tudo será e terá sua vez. Porém, do lado de fora da janela, que ficaria granulada pelas grossas gotas despencando, vem de encontro um homem caminhando. Seco por dentro e por fora, e por cima de um terno, em direção a um carro estacionado ilegalmente acima da calçada, que é coberta pelo toldo de uma loja à venda e pela ausência de chuva, que virá, porque eu digo.

Cantou que infelizmente para nós os dias de grande efervescência, de grande retumbância, de grande alegria, são os dias que mal duram e que muitas vezes são traiçoeiros e fugazes. Há pouco fugiu também o carro com o homem dentro, e dentro do terno seco. Os dois deixando para trás a ilegalidade. Mas a alegria do homem não estava dentro de si, ou dentro do carro, ou dentro do terno, ou dentro da vontade de burlar, mas dentro do futuro, que o fará atravessar os campos cheios de paz e prazer, o fará germinar poderosas sementes na grama do destino, e o fará ser e deixar de ser.

Mas a tristeza é a filha, ou a irmã, ou a mãe, ou a nora, ou a prima do silêncio, que é o filho, ou o irmão, ou o pai, ou o sogro, ou o primo da música. Tocaria, assim, alguns minutos de música dentro do carro e dentro do homem. Alguns sons modernos aleatórios, daqueles que batem contundentemente os graves da bateria eletrônica. Os computadores são os grandes fazedores de arte, e não são remunerados pela arte que fazem. Quase que a quase inexistência melódica faria o homem trocar de estação de rádio, mas para preencher o vazio da máquina, aquilo bastava. Logo, as pazes estariam feitas com sua consciência, que é boa em aceitar desculpas, mas péssima em cobrá-las dos outros. E dentro do outro, de certo, há muitas vezes você mesmo.

Quando se lê tragédia, ode, madrigal, elegia, epitalâmio, écloga, comédia, farsa, auto, fábula, conto, novela, epopéia, romance... espera-se quem? Espera-se o outro? E o outro se encontra quando se espera por ele? No letreiro do outdoor de baixo escalão que naquele momento era o que enxergavam os olhos do homem, podia se ler: “acredite nos seus sonhos, eles dependem apenas de você, mas nós podemos te ajudar - ligue para (um número de telefone)”. Você poderia pensar no lugar do homem que sendo possível a ajuda de outro para cumprir os sonhos que dependem apenas de você, pois bastaria que o outro acreditasse os sonhos por você e, assim, você não mais precisaria arcar com o fardo que é ser você mesmo, pois você mesmo é o sonho que você tem de você mesmo. Explique-se.

Certo sentimento confuso despertou dentro do homem. Era pena ou era pudor? Quem sabe não se trata só disso, tamanha estranheza. Desperta-se o outro como se desperta o sino abençoado. Mas os fiéis são poucos a caminhar em direção ao Mosteiro de São Bento, embora varie. O homem pensa ao ver aquele punhadinho de fiéis que a palavra amém está incompleta. No amém, eu digo por ele, está faltando um pedaço: o outro pedaço. Talvez, Deus tenha nos poupado da perseguição do sentido ausente ou, ao contrário, provocado a teimosia da procura. Sua criação é tipicamente teimosa, sabe-se. Você pode dizer que aleluia parecerá diferente, conforme suspeição.

O homem pensou que aleluia haveria de ser uma palavra completa, com todos os pedaços encaixados. Todos os outros encaixados. Nada entra com talento após o luia do aleluia, mas na seguinte do amém, se quisermos cumprir a heresia que não cumpro, cabem futilidades, como aquele amendoim que é destroçado pela boca feroz do homem com fome dentro do carro feroz, alçados ambos na pista faminta, que espera o carro bater suas asas e voar às nuvens. Que desejo! Para mudar, se fôssemos Deus, bastaria um toque refinado. Pronto, amém, e mais além!

Há humildade, há humildade, há humildade. Até no deserto, quando se precisa de um desejo, e da realização deste mesmo desejo, tem que haver um gole de humildade, senão vira-se poeira, vira-se miragem. Mas aos inventores não cabe tempo para humildade, a estes não. Aos que se sentem estimulados

quando veem que agora se pode ir a Marte, não cabe humildade. Os inventores depravam e se agriam até a última gota de verdade rastejando no fundo do copo da mentira. A eles sacralmente posso pedir que inventem o bendito depois do amém, já que o tempo de inventar é o tempo de estar vivo, e não o tempo de estar ardendo no fogo do inferno e, ao mesmo tempo, vivo. Depois, só o vento e todos os fardos, que são fartos, pois restam, enfim para nós, os que morrem.

A parte da vida que vivemos é uma síncope corporeamente bem melindrada. Por tal razão, o rádio verá seus auto-falantes explodirem. O vazio da máquina agora é o vazio do homem. Com pressa de chegar e sem fôlego de partir, a sós, o homem e a máquina. O ritmo frenético da música. O ritmo preguiçoso da estrada. O ritmo frenético da música. O ritmo preguiçoso da estrada. O ritmo frenético da música. O ritmo preguiçoso da estrada. As palmas da mão do homem batem incessantemente no volante a ponto de acionarem a buzina por descuido. “Calma, meu senhor, isto é São Paulo!”. “Está com pressa sai do carro, filho!”. “Gente sem noção, buzina o quê!”. O homem está ansioso para o encontro que terá, minha gente. O homem sonhou nos sonhos e nos pensamentos acordados o dia que está vindo. Para o homem, pouco importa se é São Paulo, cidade que o enlouquece desde que chegou; mas importará, digo eu.

Emperrados feito centopeias com fome na barriga, os muitos carros. Barulho de motor acendendo e desligando, acendendo e desligando, acendendo e desligando. Um frenesi paulista que

logo terá a firma das nuvens gordas e com náusea, como eu disse. Metal que brilha contra o sol que brilha seus últimos brilhos visíveis. O carro em São Paulo é como um boi que se recusa a atravessar o riacho poluído: o riacho de aço, farol e freio. Você nada resolve no piche do asfalto, somente a não ser os olhos que vão de encontro aos prédios com grafites meio ofuscados, quase apagados pela especulação imobiliária. Estes edifícios são a única companhia do homem dentro do trânsito. Seus olhos fatigados, e a manhã que não espanta o cansaço acumulado, e nada regenera, só o sol. O homem é como um passageiro na montanha russa antes do gatilho, do disparo, do célere, do rodopio e do êxtase. O homem está parado, estatualizado, estremeando ao passo que sua alma explode o brilho dourado do arco-íris que ainda não existe para ele.

A vista: que beleza feia, que beleza cinza, até que tudo desvaneça com a cor fosca do céu insurgente e poderoso. Ao som estridente dos estalos em forma de trovões, feito tiros de canhões disparados por marujos piratas, vê-se um mar de neblina saqueando a nitidez do painel do carro. Agora, não mais se vê, se escuta. (...)